

CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DOS SUFIXOS –INH E –ZINH NA NORMA POPULAR DE FORTALEZA: DIMENSÃO/ÊNFASE/EXPRESSIVIDADE

Leandro Vidal Carneiro¹ (UFC)

Resumo: Este trabalho apresenta o resultado de uma breve pesquisa sobre o uso dos sufixos *-inh* e *-zinh* na fala da norma oral popular da cidade de Fortaleza. O *corpus* constitui-se de dados reais de fala coletados de oito inquéritos do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Os resultados referentes às ocorrências desse formativo nos inquéritos selecionados indicam que os sufixos ocorreram com maior frequência quando os falantes pretendiam transmitir expressividade, afetividade e pejoratividade, ocorrendo a noção de ênfase em segundo lugar e as noções de dimensão inferior e/ou quantidade menor em último lugar.

Palavras-chave: sufixo *-inh/-zinh*; língua falada; dimensão; ênfase; expressividade.

Abstract: This paper presents the results of a short study about the use of the suffixes *-inh* and *-zinh* in Colloquial Speech in the city of Fortaleza. The corpus is made of eight questionnaires taken from the “Projeto Norma Oral do

1. Graduando em Letras, com habilitação em português e italiano, pela Universidade Federal do Ceará, UFC. Este trabalho resulta de pesquisa realizada na vigência da bolsa de monitoria de disciplina do Programa de Iniciação à Docência (PID – UFC) vinculada ao projeto: O estudo do vocábulo em português, coordenado pela Professora Doutora Hebe Macedo de Carvalho, do Departamento de Letras Vernáculas/Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC. Foi apresentado, na modalidade pôster, no XXII Encontro de Iniciação à Docência, evento realizado pela Pró-Reitoria de Graduação da UFC, no ano de 2013.

Português Popular de Fortaleza” database. The results indicate that the suffixes occurred more frequently when speakers intended to convey expressiveness, affection and negative connotation, followed by the notion of emphasis and lastly the notion of inferior dimension and/or smaller quantity. aspect.

Key-words: suffixes *-inh/-zinh*; speech; dimension; emphasis; expressivity.

Introdução

Este artigo é o resultado de uma breve pesquisa que controlou as noções semânticas de dimensão, ênfase e expressividade do uso dos sufixos *-inh* e *-zinh* na fala da norma popular da cidade de Fortaleza. Os dados foram coletados de entrevistas de fala espontânea de fortalezenses, parte do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR (ARAÚJO, 2011).

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: na segunda seção, trazemos as considerações de algumas gramáticas tradicionais, doravante GT (BECHARA, 2009; CUNHA, 1979; LIMA, 1984), e as de alguns pesquisadores linguistas (CÂMARA JR, 2004; GONÇALVES, 2005) sobre as problemáticas da descrição do grau diminutivo expresso pelas formas sufixais *-inh* e *-zinh*. Em seguida, trazemos o posicionamento de Emilio (2003) e Oliveira (2010) sobre as várias acepções dos sufixos *-inh* e *-zinh*, considerados não apenas como formadores de grau diminutivo, mas também como indicadores de ênfase, afetividade e pejoratividade. Na terceira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos que adotamos para a realização da nossa pesquisa, o Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, o NORPOFOR (ARAÚJO, 2011), banco de dados de onde retiramos as entrevistas que serviram de *corpus* para a proposta do nosso trabalho, e os critérios usados para a adoção das noções semânticas transmitidas pelos sufixos *-inh* e *-zinh*. Na quarta seção, trazemos o resultado da análise das entrevistas e discutimos os dados encontrados, quantificamos as ocorrências dos formativos *-inh* e *-zinh* e

descrevemos as funções semânticas que essas formas exprimem nos dados coletados. Na quinta e última seção, trazemos as considerações finais.

Processos de formação de palavras: o caso dos sufixos –inh e –zinh nas gramáticas normativas e na visão descritiva

No uso efetivo da língua, para as suas necessidades comunicativas, o falante pode lançar mão de palavras já existentes no léxico ou modificar bases nominais, verbais e adverbiais para criar novas palavras que atendam a essas necessidades (BARBOSA e LIMA, 2011). Rio-Torto (1988 *apud* BARBOSA e LIMA, 2011) diz que são em número de três os processos de formação de palavras: operações aditivas, operações subtrativas e operações modificativas. No primeiro caso, temos os processos de afixação – prefixação, sufixação e infixação –, duplicação e composição. No segundo, há a supressão de segmentos iniciais, mediais, ou finais. No terceiro, encontram-se a apofonia e a metátese. Dentre esses, os processos mais produtivos para a formação de novos vocábulos na língua portuguesa são a afixação e a composição (BARBOSA e LIMA, 2011).

No processo de composição, ocorre a anexação de uma base a outra base para a formação de uma palavra, como, por exemplo, *guarda-chuva* [guarda + chuva] e *girassol* [gira + sol]. No outro processo, a derivação, temos a formação de novas palavras pelo acréscimo de um afixo a uma base, como em *sapateiro* [sapato + eiro] e *preconceito* [pré + conceito] (BARBOSA e LIMA, 2011).

Barbosa e Lima (2011, p. 3) dizem que “as gramáticas tradicionais tratam a derivação sufixal de maneira uniforme e são poucos explícitos em suas análises, limitando-se a apresentar listas de exemplos”, o que não contribui para uma descrição eficaz desse processo morfológico. Para Rio-Torto (1988 *apud* BARBOSA e LIMA, 2011):

A abordagem tradicional da formação de palavras caracteriza-se por dois aspectos essenciais: por ser eminentemente estática e por privilegiar apenas uma das dimensões que a formação de palavras envolve – a dimensão morfológica. (...) Os processos de formação de palavras propriamente ditos são encarados não pelo ângulo do dinamismo que lhe é inerente, mas tão somente pelo seu aspecto resultativo, como esquemas que defluem da combinação de formas mais ou menos autônomas a segmentos presos, que são os afixos.

Segundo a autora, as GT não fazem mais que enumerar os sufixos e as palavras resultantes dos processos de formação, colocando-as dentro de uma das classes de palavras que trazem. Desse modo, outros processos com suas noções correlatas passam despercebidos pelas GT, ou não são contemplados de forma satisfatória.

Das questões que envolvem os sufixos, a que trata do mecanismo da expressão do grau é uma das mais recorrentes e analisadas em trabalhos de descrições linguísticas.

As GT são quase unânimes em considerar o grau como sendo uma flexão do nome; muitas vezes, porém, sequer trazem essa consideração, limitando-se a listar sufixos e vocábulos derivados. Cunha (1979, p. 19), por exemplo, diz que “os substantivos podem variar em número, gênero e grau” e que os adjetivos podem flexionar-se em número, gênero e grau, à maneira dos substantivos. Lima (1984) não informa se o grau é um processo de flexão ou de derivação dos nomes, apenas diz que, por meio do grau, pode-se exprimir: 1) o aumento ou a diminuição do ser em relação ao seu tamanho, 2) a intensidade maior ou menor de uma qualidade. O primeiro tipo aplica-se aos substantivos, e o autor chama de *gradação dimensiva*; o segundo aplica-se aos adjetivos, e se chama *gradação afetiva*. Sacconi (2008) apenas menciona o grau dos substantivos e dos adjetivos e

traz uma lista exaustiva de palavras, mas não toca no assunto da flexão ou da derivação dos vocábulos. Bechara (2009), por outro lado, já reconhece que a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB – confundiu os processos de flexão com os de derivação e que, por isso, ela considera o grau como sendo uma flexão do nome.

Câmara Jr. em sua obra sobre a estrutura do português, afirma:

A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si. (...) uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De cantar, por exemplo, deriva-se cantarolar, mas não há derivações análogas para falar e gritar, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado. (CÂMARA JR., 2004, p. 83),

Podemos notar que, para o linguista em apreço, o grau deve ser considerado como derivação, em oposição à consideração das GT, por não ser um mecanismo obrigatório na formação de palavras que tragam noções de aumento ou diminuição da palavra base. O falante pode optar por falar *casinha* ou *casa pequena*, sem que haja muita perda do significado referencial, fato que não ocorre com os verbos, pois, para cada tempo, modo, número e pessoa, há uma forma única e obrigatória – inclusos os casos de alomorfia –, sendo que o uso de morfemas modo-temporais e número-pessoais diferentes pode acarretar uma mudança no significado referencial.

O grau, como vimos, pode ser expresso por meio de um processo de formação de palavra, a sufixação. Os nomes, segundo Bechara (2009), apresentam-se, por esse processo, com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais. Sobre os sufixos em geral, Bechara diz que:

(...) dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções (...). Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases aos quais se agregam, dos quais não se dissociam. (BECHARA, 2009, p. 357)

Conforme o gramático, os sufixos, utilizados como recursos para a formação de novas palavras, associam suas significações a diversas noções semânticas. Assim sendo, temos um sufixo na língua portuguesa que “assume a função de grau diminutivo, como em *sininhos*, de função positiva [que agrada] em *fazendinha*, e de função pejorativa em *simpatiquinho*” (EZARANI, 1989 *apud* OLIVEIRA, 2010, p.05, grifos da autora). Temos também sufixos que exprimem a noção de aumento associados a um caráter de pejoratividade, pois “o que é grande em excesso é também grotesco: *mulheraça, poetastro*” (BECHARA, 2009, p. 357, grifos do autor).

Para Rocha (1987 *apud* EMILIO, 2003), o grau não é usado apenas para expressar as dimensões ‘aumentadas’ ou ‘diminuídas’ da palavra-base. Segundo a autora, “o grau (...) é uma categoria morfológica que expressa relação de dimensão, intensidade ou afetividade que se estabelece entre o termo base e a respectiva forma derivada.” (ROCHA, 1987 *apud* EMILIO, 2003, p. 12). Compartilha da mesma ideia Basílio (1998), que considera o grau o caso mais comum de processo morfológico a serviço da expressividade. Uma noção, a nosso juízo, muito discutível, porque o grau é co-

dificado por expedientes mórficos e/ou lexicais, mas, conforme Campelo (2013), não se constitui por si próprio como um processo morfológico. Os processos morfológicos em gênero e em espécie (CAMPELO, 2013) prestam-se para compreender como essa categoria é codificada em uma língua flexiva como o português.

Em um trabalho sobre expressividade na língua, tratando exclusivamente da pejoratividade, Sandmann diz que:

Pode-se afirmar sem receio que os sufixos de aumentativo e diminutivo *-ão* e *-inho* se prestam hoje mais à expressão do apreço e despreço – contêm, portanto, elementos de emocionalidade – do que à expressão neutra do tamanho grande ou pequeno (grifos do autor). (SANDMANN, 1988, p. 8)

O linguista sustenta que o sufixo *-inh* é mais utilizado em formações através das quais os falantes pretendem transmitir expressividade, em especial pejoratividade, do que naquelas que informam tamanho menor ou quantidade inferior da palavra derivante.

Lapa (1968, p. 84) diz que “é nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia.” Isto é, utilizamos os sufixos como um recurso estilístico subjetivo quando pretendemos enfatizar: *cheguei agorinha*; quando pretendemos transmitir afetividade: *bom dia, vizinha*; ou quando queremos mostrar despreço: *não se misture com esta gentinha*.

Com esse argumento, o autor afirma que o uso de sufixos dá-se por uma escolha consciente do falante que pretende transmitir suas emoções através da comunicação. Tais sufixos, para Lapa (1968), são formativos obrigatórios apenas para a transmissão de expressividade, excluindo-se essa obrigatoriedade para outras noções, como a dimensão.

Nesta breve coletânea de opiniões, vimos que a definição presente nas GT é a de que a categoria do grau processa-se como uma flexão do nome e serve para expressar a forma aumentada ou diminuída do ser ou do objeto a que se refere. Linguistas há que tratam o grau como uma forma de derivação, pois, além de não ser um mecanismo obrigatório para o nome, forma ainda palavras diferentes daquelas originais, podendo expressar algo a mais sobre o referente do que simplesmente as noções de tamanho. Outros linguistas afirmam que os sufixos são formativos que servem exclusivamente para a transmissão de expressividade na língua, sendo um recurso estilístico subjetivo quando o falante pretende transmitir afetividade ou pejoratividade, apreço ou despreço. Veremos, em seguida, as diversas acepções que diferentes autores dão aos sufixos em foco neste trabalho.

Diferentes acepções de –inh e –zinh

Nas gramáticas de modo geral, os autores mencionam os sufixos *–inh* e *–zinh* como formativos que indicam dimensão pequena. Cunha e Cintra (2008) trazem uma lista dos principais sufixos diminutivos empregados no português e comentam sobre a difícil escolha por *–inho* ou *–zinho*, escolha que, segundo os autores, depende, às vezes, do ritmo da frase. Bechara (2009) também traz uma lista com exemplos de sufixos diminutivos que podem expressar pejoratividade ou afetividade.

Para Gonçalves (2005), são o contexto sociointeracional e a intenção do falante que definem o significado do formativo *–inh*, mas esse sufixo conduz uma carga emocional variada, dando à mensagem maior força comunicativa, podendo expressar dimensão, afeto, apreço e despreço.

Simões (2005 *apud* OLIVEIRA, 2010) afirma que os diminutivos *–inh* e *–zinh*, embora mantenham a categoria sintática da forma derivan-

te, manifestam na palavra um outro valor semântico, seja de dimensão, intensidade ou pejoratividade.

Trabalhos como o de Emilio (2003) e de Oliveira (2010) trazem análises mais profundas e informações diferentes.

Analisando dados de fala espontânea, retirados de entrevistas do banco de dados VARSUL – Variação Linguística da Região Sul – Emilio (2003) procurou descrever, à luz da análise variacionista, o uso do diminutivo *x* o grau normal como um fenômeno estilístico pertencente ao sistema, sendo, portanto, possível de ter seus matizes expressivos identificados.

Para a análise, a autora controlou, entre outros fatores, os morfosintáticos – classe gramatical, tipo de determinante, função sintática – e os semântico-pragmáticos e estilísticos – contexto temático, avaliação do matiz [positivo, negativo, neutro] e componentes do diminutivo [expressivo, dimensivo]. A autora conclui que a característica mais acentuada do sufixo *-inh* no seu uso na linguagem é a de expressividade, auxiliada, às vezes, por alguns determinantes, como os pronomes possessivos.

O trabalho de Oliveira (2010) verificou que o uso do sufixo *-inh* é mais recorrente nas construções de maior afetividade e que a variante *-zinh* é mais utilizada em contextos onde se expressa a pejoratividade, não sendo usado em construções de expressão de afetividade. Além disso, a autora conclui que o formativo *-zinh* está ocorrendo não apenas junto a bases terminadas em ditongos, consoantes ou vogal tônica e *-s* e *-z*, como prescrevem as GT, mas até mesmo em outras bases, como as terminadas em vogal: *menina* > *meninazinha*, fato que, junto ao anterior, estaria levando esse formativo a um processo de gramaticalização.

De acordo com os argumentos das autoras, os sufixos diminutivos e aumentativos presentes na língua portuguesa não se reservam apenas a transmitir a noção de dimensão maior ou menor do ser ou do objeto referido, podem servir também para transmitir noções de afetividade ou de pejoratividade.

Analisaremos, mais à frente, o uso do sufixo *-inh* e da sua forma variante *-zinh* na norma popular da cidade de Fortaleza, procurando verificar qual a noção que os falantes dessa comunidade mais expressam por meio desses sufixos. Desse modo, identificaremos e quantificaremos o número de ocorrências de cada noção expressa pelos sufixos em foco.

Considerando as ideias de Emilio (2003) e Oliveira (2010), tomamos como pressuposto que, além das noções de dimensão, os sufixos aqui abordados apresentarão noções de afetividade e de pejoratividade.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos os procedimentos que adotamos para a realização da nossa pesquisa, tais como a escolha do *corpus* e os critérios para a adoção das noções semânticas transmitidas pelos sufixos *-inh* e *-zinh*.

Escolha do *corpus*

Os dados de língua falada foram coletados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, NORPOFOR.

Conforme Araújo (2011), O NORPOFOR constitui um banco de dados do falar popular dos fortalezenses, seguindo os preceitos da Sociolinguística Quantitativa defendidos por Labov (1972 *apud* ARAÚJO, 2011). O projeto conta com 198 voluntários fortalezenses natos, ou que vieram morar na cidade com, no máximo, cinco anos de idade, possuem pais cearenses, nunca se ausentaram da cidade por mais de dois anos consecutivos e mantêm residência fixa na cidade.

Para a nossa amostra, foram selecionadas, aleatoriamente, oito entrevistas, que abordam temas variados, tais como descrição de vida, religião, escola, drogas, vida familiar etc. Das oito entrevistas, quatro

são de voluntários do sexo feminino e quatro são de voluntários do sexo masculino, todos com idade entre 21 e 60 anos.

Noções semânticas transmitidas pelos sufixos –*inh* e –*zinh* na norma popular de Fortaleza

Com a realização da leitura das oito entrevistas, encontramos 97 ocorrências do sufixo *–inh* e 37 ocorrências da forma variante *–zinh*. Com base em alguns dos critérios assumidos por Oliveira (2010) e outros utilizados por Emilio (2003) em seus respectivos trabalhos, codificamos cada ocorrência conforme as seguintes noções semânticas:

a) Dimensão – quando o sufixo é utilizado para informar o tamanho menor ou uma quantidade inferior do referente informado pela base:

(1) “te:::m um *postinho* ali:: com uns policias ma::s eles ficam dormindo” (inq. 73)

b) Ênfase – quando o sufixo é utilizado para reforçar a ideia informada pela base. Nesse caso, consideramos como ênfase os sufixos agregados a bases adverbiais, como em *de manhãzinha*, *agorinha*, *cedinho*, *sozinha*, *todinho* etc., e a algumas bases adjetivas, como *pequeninha*, pois *pequena* já porta a noção de tamanho menor:

(2) “é nós vamos de manhã bem *cedinho* e fica até ::: umas quatro horas ou seis horas” (inq. 18)

(3) “eu eu comecei a estudar:: desde *criancinha* assim *pequeninha* ... desde:: dois três anos de idade ...” (inq. 18)

c) Expressividade – quando o sufixo vem agregado a bases nominais, (substantivos e adjetivos), portando a ideia de carinho, afeto e posse, como em *casinha*, *queridinha*, *caquinho* (de avô):

(4) “no começo eu ainda tinha um... (*caquinho*) de AVÔ... aí meu avô moRREU” (inq. 06)

ou noções de despreço e pejoratividade, como em *musiquinhas*, *carrinho*, *mulherzinha* etc.

(5) “ () mais essas *musiquinhas* que tocam mais na rádio néh... que são as mais tocadas...” (inq. 44)

Apontados os critérios para a interpretação e codificação das noções semânticas dos sufixos em foco, traremos, na seção seguinte, as devidas análises e a discussão dos dados obtidos.

Análise e discussão dos dados

Nesta seção, informamos o número de ocorrências de cada forma do sufixo *-inh* e da forma variante *-zinh* encontradas nas oito entrevistas. Encontramos nestas 97 ocorrências do sufixo *-inh* e 37 ocorrências da sua forma variante, *-zinh*, totalizando 134 ocorrências geral. Detalhamos o número de ocorrências da seguinte forma:

l) Ocorrências de *-inh*: Foram encontradas 97 ocorrências do formativo *-inh*; 29 transmitem a ideia de dimensão; 27 portam a noção de ênfase ao vocábulo-base e 41 são ocorrências

de expressividade, 36 transmitem noções de afetividade ou positividade e 5 transmitem noções de pejoratividade ou desapareço.

II) Ocorrências de *-zinh*: As ocorrências de *-zinh* deram-se da seguinte maneira: 4 ocorrências de noções de dimensão, 15 ocorrências de ênfase e 18 ocorrências de expressividade, sendo 12 de afetividade e 6 de pejoratividade, totalizando 37 ocorrências.

Apresentamos, nas tabelas a seguir, o percentual de ocorrência de cada uma das três noções semânticas adotadas por nós como critério de interpretação da carga semântica dos sufixos. Junto às tabelas, apresentamos exemplos de uso dos sufixos na fala da norma popular de Fortaleza, as nossas interpretações e as nossas conclusões.

A primeira tabela apresenta os números correspondentes à noção de dimensão, por se tratar da noção mais comumente atribuída pelos compêndios gramaticais ao sufixo aqui discutidos.

Tabela I – Percentual de sufixos *-inh* e *-zinh* com noção semântica de dimensão

SUFIXO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%
<i>-INH</i>	29/97	29,8
<i>-ZINH</i>	4/37	10,8
TOTAL	33/134	24,6

Na Tabela 1, observamos que, de 97 ocorrências, o sufixo *-inh* aconteceu 29 vezes, ou seja, 29,8% do total de dados com essa função semântica, atualizando a noção de dimensão menor ou quantidade inferior daquela expressa pela base; a forma variante, por seu turno, atualizando a mesma noção, aconteceu apenas 4 vezes de um total de 37 ocorrências, resultando em um percentual de 10,8%. Eis alguns exemplos de uso das duas formas:

(5) “eu tava lendo (um dia) tem dizendo que tem a história completa dele nesse livro (aí eu) não:: deve ser bom porque a *revistinha* é realmente muito boa” (inq. 32)

(6) “o João XXIII é que tem um *lugarzinho* lá onde eles vão lá e to::cam...é legal né para mostra::r o trabalho do pessoal...” (inq. 73)

O baixo percentual de ocorrência de cada forma (*-inh*: 29,8%; *-zinh*: 10,8%) nos informa que estes sufixos não são muito recorrentes para a noção semântica de dimensão, fato que contraria o posicionamento prescritivo, que afirma terem esses sufixos uma função estritamente dimensiva.

Vejamos a Tabela 2, na qual encontramos os números de ocorrência dos sufixos com a noção semântica de expressividade afetiva, e, em seguida, a Tabela 3, que mostra a noção semântica de expressividade pejorativa.

Tabela 2 – Percentual de sufixos –inh e –zinh com noção semântica de expressividade afetiva

SUFIXO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%
- INH	36/97	37,1
-ZINH	12/37	32,4
TOTAL	48/134	35,8

Observamos que, de 97 ocorrências, o sufixo *-inh* aconteceu 36 vezes atualizando a noção de expressividade de caráter afetivo; a forma variante, de 37 ocorrências, aconteceu 12 vezes com a noção citada.

O percentual de ocorrência de cada forma (*-inh*: 37,1%; *-zinh*: 32,4 %) evidencia uma certa regularidade no uso do sufixo com noções expressivas de caráter afetivo. Para essa noção, a preferência incide sobre a forma *-inh*. Eis alguns exemplos:

(7) “é adotada porque a mulher (viu que não pode ter filhos)... aí ela foi adotada... a *bichinha*... mas é.” (inq. 06)

(8) “eu acho bom porque :: pelo menos pra mim eu (estou) tendo meu *dinheirinhonéh*...” (inq. 44)

Comparando esse resultado com os da tabela anterior, notamos que o uso de *-inh* e *-zinh* dimensivos é bem menor que o uso de *-inh* e *-zinh* afetivos: 35,8% destes contra 24,6% daqueles.

Vejam agora as informações sobre o uso dos sufixos com a noção semântica de expressividade de caráter pejorativo:

Tabela 3 – Percentual de sufixos –inh e –zinh com noção semântica de expressividade pejorativa

SUFIXO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%
- INH	5/97	5,1
-ZINH	6/37	16,2
TOTAL	11/134	8,2

A Tabela 3 nos mostra que, de 97 ocorrências, o sufixo *-inh* aconteceu apenas 5 vezes com noção de expressividade de caráter pejorativo; a forma *-zinh*, com a mesma noção, aconteceu, por seu turno, 6 vezes em 37 ocorrências, 16,2%, totalizando apenas 11 ocorrências dentre o número geral, isto é, *-inh* + *-zinh*.

O baixo percentual de ocorrência de cada forma (*-inh*: 5,1; *-zinh*: 16,2%) e o percentual geral (8,2%) nos permitem ver que esses sufixos não são muito produtivos para a expressão da pejoratividade na norma popular de Fortaleza.

Percebemos, ainda, que, para a informação dessa noção semântica, a forma *-zinh* goza de maior prestígio entre os falantes, conforme nos mostra o percentual: 16,2% dela contra 5,1% da forma *-inh*. Vejamos alguns exemplos de uso das duas formas:

(9) “... e teve uma que eu me lembro que eu tinha uns doze anos... que eu fui () tomar de conta de um *meninozinho*... pra você ter uma idéia () LAVADA COM ÁGUA QUENTE... pra pegar naquele meni:::no...” (inq. 06)

(10) “ai eu aceiTEI ele ficar DANdo esses ciquenta que ele ainda ganha *mesadinha* do PAI...um cara com trinta e seis anos com ca::rro forma::do” (inq. 73)

Comparando o percentual total de *-inh/-zinh* com noção de dimensão ou quantidade menor (24,6%) com o seu uso para a expressão da pejoratividade (8,2%), vemos que, contrariando o posicionamento de Sandmann (1989), esse formativo é majoritariamente selecionado para a atualização da primeira, indicando, assim, que ao menos nesta comunidade, esse sufixo atende muito mais ao uso de diminutivo do que a nuances de despreço. Esta conclusão nos põe a refletir se teríamos, nesta comunidade, uma primazia do léxico para a expressão dessa nuance semântica, ou se outro sufixo cumpriria melhor esse papel.

Tratamos agora da noção de ênfase. Vejamos a Tabela 4:

Tabela 4 – Percentual de sufixos *-inh* e *-zinh* com noção semântica de ênfase

SUFIXO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%
- INH	27/97	27,8
-ZINH	15/37	40,5
TOTAL	42/134	31,3

Verificamos que a noção de ênfase, no contexto total (31,3%), aconteceu em número superior àquela de dimensão (24,6%) e àquela de expressividade pejorativa (8,2%), e inferior àquela de expressividade afetiva (35,8%).

Identificamos que a preferência dos falantes para a noção de ênfase incide sobre a forma variante: 40,5% de *-zinh* contra 27,8% de *-inh*. Vejamos, a seguir, exemplos de uso das duas formas:

(11) “antigamente mesmo no meu tempo e que eu quando eu conheci ela ela era era uma praça toda *planazinha* no chão ...” (inq. 138)

(12) “a se tinha muito problema pra cidade aí derrubaro ... aí já mexeram com a praça *todinha* ...” (inq. 138)

Convém observar a proximidade do percentual de ocorrências da forma *-inh* para ênfase (27,8%) ao número de ocorrências suas para dimensão (29,8%); e a grande diferença percentual do número de ocorrências dessas noções quando a forma usada é *-zinh*: 10,8% para dimensão, 40,5% para ênfase. Identificamos, assim, que, na norma popular de Fortaleza, a forma *-zinh* possui um valor mais enfático do que dimensivo.

Após a análise e interpretações dos dados elaboradas nesta seção, teceremos algumas considerações para concluir o nosso trabalho.

Considerações finais

A análise da nossa amostra nos permitiu ver que o sufixo *-inh* é mais usado pelos falantes da comunidade de fala popular de Fortaleza com a noção de expressividade de caráter afetivo (37,1%).

Vimos que, de 97 ocorrências do sufixo *-inh*, apenas 29,8% foram usados para transmitir a ideia de dimensão, e 70% foram usados para informar as outras noções semânticas neste trabalho também consideradas: ênfase (27,8%) e expressividade, afetiva e pejorativa (42%).

A expressão da pejoratividade através desse sufixo não se mostrou produtiva, apresentando apenas 5,1%. Por outro lado, através da forma variante *-zinh*, apresentou alto percentual, 16,2%, bem maior que o percentual da mesma forma com a noção semântica de dimensão, 10,8%.

Ao compararmos o percentual total de dimensão (24,6%) ao percentual total de expressão de pejoratividade (8,2%), vimos que *-inh* e *-zinh* são usados muito mais para as noções de tamanho menor ou quantidade inferior do que para as noções de desapareço.

Este fato aponta uma conclusão contrária aos trabalhos de Sandmann (1989) e Frota (1985) – que afirmam serem os formativos *-inh* e *-zinh* mais utilizados na língua portuguesa para a expressão da pejoratividade do que para as noções de dimensão – e mais próxima às GT – que colocam esse formativo a serviço das noções de tamanho diminuído.

Emilio (2003, p. 45) diz que “a prescrição gramatical, muitas vezes, limita o nosso entendimento sobre certos aspectos da linguagem”, mas que ela poderia se beneficiar se se permitisse abordar os vários aspectos da língua em uso.

Acreditamos que devemos, como professores de língua materna com formação linguística, considerar também, no exercício da nossa profissão, outras obras, tais como análises descritivas da estrutura e do uso efetivo da língua em todos os seus aspectos sociais, pois a proposta das GT não alcança tão longe alçada, como pudemos observar no que se refere à função de expressividade do sufixo *-inh/-zinh*, conhecido e sempre tratado nos compêndios gramaticais como um diminutivo a favor da noção de dimensão.

Esperamos que este trabalho possa contribuir, de algum modo, para a descrição do português brasileiro falado e que seus resultados possam ser interpretados e considerados no ensino de língua portuguesa, pois os resultados da nossa pesquisa e aquelas dos autores usados como referências aqui nos alertam que, para um ensino de português condizente

com a situação real de uso da língua pelos falantes, o ensino de formação de palavras deve ser repensado, não se podendo levar em conta apenas as prescrições que a GT dita.

Referências

- ARAÚJO, Aluíza Alves de. O projeto norma oral do português popular de Fortaleza – NORPOFOR. *Cadernos do CNLF*, XV(5), t. 1, 2011, pp. 835-845.
- BARBOSA, Maria Fernanda. M.; LIMA, Bruno Cavalcanti. O sufixo –eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB?. *Domínios de linguagem*. 5(2), 2011, pp. 120-136.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*, 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna, 2009.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAMPELO, Kilpatrick Muller Bernardo. *O estatuto conceitual e funcional das proformas – pronome: protótipo das proformas*. Curitiba: CRV, 2013.
- CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FANAME, 1979.
- EMILIO, Aline. Diminutivo x grau normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem Variacionista. *Revista da ABRALIN*, 14 (1), 2003, pp. 9-49.
- FROTA, Maria Paula. *A expressão do pejorativo em construções morfológicas*. Dissertação. 1985 (Mestrado em Letras). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1985.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da Língua Portuguesa: curso médio*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

OLIVEIRA, Carla Maria de. Gradação de afetividade nos formativos –inho(a) e –zinho(a) a partir de estudos sobre gramaticalização. *Revista Icarahy*, 2, 2010.

Disponível em: <http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Carla_Maria_de_Oliveira.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SACCONI, Luiz Antônio. *Novíssima gramática ilustrada*. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SANDMANN, Antônio José. A expressão da pejoratividade. *Revista Letras*, Curitiba, 3(B), 1988, pp. 67-82.